

Índios estão repovoando o litoral do Paraná

Expulsos da região no processo de colonização, os tupis-guaranis estão retornando para a "tekuá", a terra boa

Pontal do Paraná – Quinhentos anos depois da chegada dos portugueses ao Brasil, o litoral do Paraná – primeira região do estado onde o europeu se fixou e, por isso, acabou por expulsar os índios – começa novamente a ser repovoado pelos indígenas. Em um processo que se intensificou há cerca de 15 anos, famílias inteiras de guaranis estão migrando de diversas áreas dos países do Cone Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil) para o litoral do Paraná, região que acreditam ser a “tekuá” (terra boa) de que falavam seus ancestrais.

A última leva, três famílias do grupo M'byá (25 índios ao total, vindos originalmente do Uruguai e da Argentina), chegou, há cerca de oito meses, a uma região em meio à mata nativa do município de Pontal do Paraná. Eles se estabeleceram nas proximidades do Rio Guaraçu e pretendem viver longe do homem branco para manter suas tradições. O retorno às origens, porém, ainda é modesto. Mesmo com a chegada da última comunidade, existem hoje apenas 36 famílias de índios vivendo no litoral, diz Edívio Battistelli, assessor para assuntos indígenas do governo do estado. No Paraná inteiro, a população indígena é bem maior: 10.200 pessoas.

Dóceis

Os índios tupis-guaranis, habitantes originais do litoral do estado quando da chegada dos portugueses, têm uma natureza muito mais dócil do que guerreira, explica Battistelli. “Por isso, em vez de lutarem por sua terra, eles fugiram do processo de colonização, indo se estabelecer em outras regiões”, diz. No entanto, através da tradição oral, os antepassados sempre transmitiam as histórias da “tekuá”, uma terra sem males. Assim, os descendentes dos índios, que se espalharam por vários países, estão tentando retornar a essa terra mítica.

Como consequência desse processo de retorno às origens, os índios estão se fixando sobretudo no litoral e na Serra do Mar, do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo. Os locais escolhidos pelos índios, além de afastados das cidades, normalmente têm vestígios de já terem sido ocupados pelos indígenas, diz Battistelli.

Iuti Apoá

A comunidade que se fixou às margens do Rio Guaraçu, por exemplo, fica próxima a um sambaqui – espécie de cemitério e depósito secular de dejetos alimentares dos antigos indígenas. “Eles chamam o sambaqui de ‘iuti apoá’, ou seja, o morro em que estão os antepassados”, diz Battistelli.

No processo de retorno à “tekuá”, os índios, muitas vezes, têm entrado em conflito com os donos das terras que eles passam a ocupar, lamenta o assessor para assuntos indígenas. “Na visão dos índios, eles apenas estão reivindicando o direito às terras que lhes foram retiradas”.

Fernando Martins

TRADIÇÕES

- **A BASE** da cultura guarani é a família nuclear extensa (pais e filhos somados a outros parentes)
- **DEDICAM-SE** sobretudo à agricultura de subsistência, à pesca e ao artesanato
- **O CASAMENTO** entre índios é única festa que comemoram
- **NÃO** tomam banho com sabão ou sabonete porque tira a oleosidade da pele, defesa natural contra mosquitos
- **CONTINUAM** a praticar o arco e flecha

INSTITUTO	
	
Documentação	
Fonte	GAZETA DO POVO (PR)
Data	06/10/99 Pg 15
Class.	1039

Religiosidade é marcante Longe dos vícios do povo branco

Uma das características mais marcantes dos índios guaranis é a religiosidade, principal elo de ligação social entre os membros da tribo. O deus "Inhanderu", venerado pela tribo, em muitos aspectos se parece com o Deus cristão. É um espírito que está na natureza e que não tem forma nenhuma, explica Edívio Battistelli.

Na tribo do Guaraguaçu, a religiosidade se materializa na Casa da Reza, cabana erguida com madeira e coberta com barro, e respeitada pelos índios, que só têm acesso ao seu interior em

rituais especiais. Ali mora a "Vó", como os índios chamam uma senhora que, dizem eles, tem 129 anos.

Segundo o curandeiro da tribo, Karai Tataendo, que em português adotou o nome Silva, foi a Vó que o ensinou nas artes da cura. Todos os medicamentos usados no tratamento dos índios são extraídos da natureza. Para a escolha da erva correta, explica Tataendo, ele faz uma oração, na Casa da Reza, para Inhanderu, que indica qual planta é a certa para a enfermidade que pretende curar. (FM)

Embora já estejam relativamente aculturados, os índios da comunidade do Guaraguaçu escolheram o local para ficar longe do homem branco e, assim, conseguiram manter a tradição. Segundo a assistente social da prefeitura de Pontal do Paraná, Sylvania Maria da Silva, uma das grandes preocupações da tribo é com relação à bebida. Quando em contato com o branco, muitos índios experimentam bebidas alcoólicas e se viciam.

A proximidade com os males da civilização inclusive, foi uma das principais causas da saída da

tribo da Ilha da Cotinga. Lá, a interferência do homem branco tem sido sentida de um modo bastante significativo. Os índios do Guaraguaçu inclusive tornam-se mais arredios quando pessoas estranhas os visitam, dizem os funcionários da prefeitura.

Apesar do afastamento do homem branco, os índios do Guaraguaçu não gostam de criticá-lo. Quando o indígena Karai Tataendo foi questionado sobre o modo de vida na cidade, preferiu nada dizer. Eles não criticam para não terem seu modo de vida criticado. (FM)



Valeria Santos

As crianças índias do Guaraguaçu falam a língua guarani, mas aprendem português e espanhol quando começam a crescer.